

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

31 de Agosto de 2020

A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: 50 ANOS FORUM BERLINALE

**NICHT DER HOMOSEXUELLE IST PERVERS,
SONDERN DIE SITUATION IN DER LEBT / 1970**

**“Não é o homossexual que é perverso,
mas a situação em que ele vive”**

Um filme de Rosa von Praunheim

Argumento: Rosa von Praunheim / Câmara (16 mm, cor): Robert van Ackeren e (não indicado no genérico) Rosa von Praunheim / Montagem: Jean-Claude Piroué / Interpretação: Bernd Feuerhelm (Daniel), Beryt Bohlen (Clemens), Ernst Kuchling, Dietmar Kracht, Steven Adamczewski, Manfred Salzgeber.

Produção: Werner Kliess, para a WDR da Baviera / Cópia: 16 mm, versão original com legendas eletrónicas em português / Duração: 68 minutos. / Estreia Mundial. Festival Internacional de Berlim (Fórum do Jovem Cinema), 4 de Julho de 1971 / Inédito comercialmente em Portugal.

Começamos pelo começo, o nome do Rosa, já que uma Rosa (von Praunheim) é uma Rosa (von Praunheim) mas provavelmente não é uma rosa. Vários mitómanos e megalómanos alemães ou originários do antigo império austro-húngaro acrescentaram um falso *von* ao seu apelido de nascença (os casos mais célebres talvez sejam Stroheim e Karajan). Nos anos 60, ao passar de Holger a Rosa (em referência ao triângulo cor-de-rosa que os nazis punham aos prisioneiros homossexuais) e de Mischwitzky a Praunheim (nome do subúrbio de Frankfurt onde os seus pais se instalaram depois de deixarem a Alemanha Oriental), o então jovem cineasta não podia deixar de acrescentar um aristocrático-mitómano-irónico *von* ao seu *nom de plume*. Auto-denominando-se “cineasta homossexual” antes desta etiqueta servir de desculpa a muita gente que sabe que é homossexual e pensa que é cineasta, que pensa que ser homossexual basta para transformar alguém em cineasta, Rosa von Praunheim foi um precursor da ideia, mais tarde onipresente, segundo a qual a “diferença”, seja ela qual for, é uma identidade total, abrangente, que define por completo uma personalidade de modo individual e um ser na sociedade (o problema é que *todos nós* pertencemos a alguma minoria). E lá foi ele construindo a sua obra ao longo dos anos, instalado à margem da sua geração na Alemanha (“o «jovem cinema alemão», que coisa horrível. *Schroeter é incompreensível, Herzog é fascista, Margaret von Trotta é idiota*”, declarou ele um dia ao *Le Monde*) e à margem da indústria. “Von” viu-se à margem inclusive do *establishment* da assim chamada “cultura gay”, contra o qual lançou várias alfinetadas, tornando-se minoritário no seio da minoria que lhe forneceu a sua identidade pública, permitiu-lhe alcançar notoriedade e ser “*Germany’s most commercial underground filmmaker*”, segundo a memorável fórmula de *Variety*.

Já foi dito que Rosa von Praunheim é um etnógrafo da vida sexual. Ele certamente é um ativista e foi um seguidor precoce da assim chamada “política sexual”. **Nicht der Homosexuelle...** foi realizado imediatamente depois da descriminalização da homossexualidade pelo parlamento alemão, em 1969. Conta o realizador que não teve dificuldades em obter dinheiro da televisão para a produção, a partir da sinopse: um jovem de província vem viver em Berlim e encontra a felicidade. Depois, teve o cuidado

de só mostrar *rushes* mudos aos produtores, para não alarmá-los. Ao sentar-se à mesa de montagem, escreveu um violento comentário sobre o modo de vida dos homossexuais, o que causou um verdadeiro tumulto quando o filme foi estreado no Festival de Berlim. Provocados nos seus hábitos e nas suas ideias, os interessados sentiram-se agredidos. A televisão recusou-se a programar o filme, acabando por fazê-lo dois anos mais tarde, depois de uma campanha de imprensa. **Nicht der Homosexuelle...** é um panfleto, um libelo, um filme militante, com toda a carga de pedagogia que caracteriza a massa de filmes militantes (ou seja, de propaganda) realizados neste período. Por isto, mais do que um filme datado, é um objeto arqueológico, o que vem acrescentar-lhe mais uma camada de sentido.

Metódico ao modo germânico, o realizador fez um verdadeiro inventário dos diversos tipos de comportamento social e sexual no meio homossexual: a obsessão sexual que se manifesta em bares, piscinas, parques e casas de banho especializadas, mostrando prostitutas, fetichistas de roupas de cabedal, travestis, pequeno burgueses amantes da arte, pares formados por um velho rico e um jovem pobre, pares românticos e encontros de ocasião. E por cima de imagens muito simples que ilustram estas situações, duas veementes vozes em *off*, um homem e uma mulher, num inglês com carregadíssimo sotaque alemão, pregam, moralizam e desmoralizam, condenando todas as atitudes e todas as situações: dizem o que deve e o que não deve ser feito, determinam, ameaçam, com as técnicas da propaganda ideológica da época. Cerca de trinta anos depois de fazer este filme, Rosa von Praunheim explicou que a sua veemência ao fazê-lo veio do facto de constatar que *“todas as pessoas com quem eu tinha sexo eram idiotas. Porque é que eu não encontrava outros artistas, outros estudantes?”* (como se vê, a rosa dos subúrbios de Frankfurt era idealista e, sem o saber, elitista...). Como tantas pessoas naqueles anos longínquos e como todos cuja ação é determinada por uma ideologia estruturada, por mais tosca que esta seja, o Rosa von Praunheim de **Nicht der Homosexuelle...** quer que os factos fluam das ideias e não as ideias dos factos, como viria a fazer mais tarde. Neste sentido, o filme é exemplar da época em que foi feito e desmente vários clichés que idealizam aquele período sobrecarregado de ideologia (quando é que vão reconhecer, por exemplo, que um burguês homossexual está muito mais “integrado na sociedade” do que um mendigo heterossexual?). **Nicht der Homosexuelle...** é uma obra de *agit prop*, um grito de revolta cujo sentido evidentemente se diluiu ao cabo dos anos (meio século!) e se transformou num importante documento para futuros estudiosos. Mas não se pode julgar Rosa von Praunheim apenas por este objeto cinematográfico: como o provam **Neurosia** e o divertidíssimo **Can I be Your Bratwurst?**, a maturidade trouxe ao seu cinema o sentido de humor, a capacidade de manipular o grotesco para atingir efeitos cómicos e aboliu por completo a vontade moralista de transformar as coisas e as pessoas. Se a situação continuou a “ser perversa”, embora de modo diverso, mais perverso ainda tornou-se Rosa von Praunheim, o que não deixa de ser uma evolução lógica para um realizador inteligente.

Antonio Rodrigues